

Putin é reeleito e ruma para recorde de poder na Rússia



O presidente da Rússia, Vladimir Putin, durante entrevista coletiva após o fim da votação que lhe garantiu mais um mandato de seis anos

Putin é reeleito com votação recorde e promete mais força

Russo tem vitória prevista e caminha para ser o mais duradouro desde Stálin

Igor Gielow

Moscou Como era previsível, Vladimir Vladimirovich Putin, 71, foi reeleito neste domingo (17) com números recorde por mais seis anos como presidente da Rússia. Segundo dados de pesquisa de boca de urna confirmados com a maior parte dos votos contados, ele teve cerca de 87% dos votos. O comparecimento foi de 74,2%, segundo a Comissão Eleitoral Central. Em seu discurso de vitória de sete minutos às 23h50 (17h50 em Brasília) para o comando de campanha e ao responder a jornalistas, Putin disse que sua vitória era um sinal "de que somos todos irmãos em armas", agradeceu aos soldados lutando na Guerra da Ucrânia e prometeu "completar os objetivos da operação militar especial, tornando o Exército mais forte". Putin foi questionado acerca da ideia francesa de enviar forças para a Ucrânia, repetindo que isso "colocaria o mundo à beira da Terceira Guerra Mundial", algo "que não é do interesse de nenhum de nós". "Somos a favor de negociações, mas não porque o inimigo está ficando sem munição. Não vamos dar tempo para eles se rearmarem", afirmou, sobre uma eventual conversa com Kiev. Voltou

a dizer que poderia estabelecer um "cordão sanitário no território hoje controlado pelo regime de Kiev" para proteger os russos do outrolado da fronteira sob ataque, ou seja, na região norte da Ucrânia. "O resultado da eleição vai permitir a consolidação da sociedade", afirmou o presidente, que concorreu como independente com o apoio do partido Rússia Unida. Não que houvesse dúvidas sobre a vitória, seja pelo real apoio de um líder que tem 86% de aprovação em sondagens independentes, seja pelas acusações por parte da miúguante oposição de que houve fraude e abuso do poder político para garantir o resultado desenhado pelo Kremlin. Até os protestos do "Meio-dia contra Putin", que levaram muitos russos no país e fora dele a engrossar filas às 12h (6h em Brasília) para demonstrar "descontentamento com a eleição a pedido dos apoiadores do falecido opositor Alexei Navalni, tiveram um grau de previsibilidade. Putin disse que o ato "não teve efeito" e criticou pessoas que vandalizaram urnas e cédulas. "Essas pessoas atrapalharam o direito de votar. Que tipo de democracia é essa? São ofensas criminais e serão tratadas assim." Segundo o instituto FOM,



Funcionários monitoram locais de votação na sede da Comissão Eleitoral Central, em Moscou



Pessoas depositam flores no túmulo de Alexei Navalni, opositor de Putin, morto no mês passado

Putin teve 87%. Para o também oficial VTsIOM, 87,8%. Atrás dele, com variações, vieram três deputados que cumpriram tabela, o comunista Nikolai Kharitonov, com 4,7%, o liberal Vladislav Davankov, com 3,6% e o ultranacionalista Leonid Slutski, com 2,5%. O comparecimento ficou acima dos então recordistas 67,7% de 2018. A divisão da votação principal em três dias facilitou o impulso. Apesar do franco favoritismo de Putin, medidas foram tomadas para garantir um passeio no parque. Elas incluíram a exclusão de duas candidaturas abertamente críticas ao Kremlin e, no dia da votação, grande presença policial junto às filas que se formaram em postos de votação de cidades como Moscou, São Petersburgo e Iekaterinburgo. Segundo os críticos do governo russo — que operam de forma virtual, pulverizada e, hoje, em sua maioria, no exílio —, a isso foram adicionadas fraudes paroquiais, como o enchimento de urnas com votos para Putin. A possibilidade de voto pela internet em 27 das 83 unidades da Federação Russa, usada por quase 10% dos 85 milhões que foram às urnas, também é apontada como suspeita. O Kremlin descarta as acusações como propaganda, e de resto o resultado será desenhado de qualquer modo no Ocidente. Uma das maiores votações de Putin foi na região ocupada de Donetsk, na Ucrânia: 95%. "É óbvio que as eleições não foram nem livres, nem justas", disse a Casa Branca. "O ditador russo simulou outra eleição", afirmou o presidente ucraniano Volodimir Zelenski. Seja como for, o fato in-

contornável é que o homem que comanda o maior arsenal nuclear do mundo e promove a maior guerra em solo europeu desde 1945 sela com a vitória grandiloquente um momento positivo em seus quase 25 anos de poder. Em 2028, se estiver no seu gabinete, Putin ultrapassará os 29 anos de ditadura soviética sob Josef Stálin (18-78-1953), tomando-se o mais duradouro líder russo moderno. Putin tornou-se premiê em 1999, até o alquebrado Boris Yeltsin renunciar no réveillon e lhe deixar a cadeira. Foi eleito em 2000 e 2004 e, em 2008, voltou para o banco nominalmente do passageiro como primeiro-ministro do governo de Dmitri Medvedev. Putin voltaria eleito em 2012, enfrentando os primeiros grandes protestos contra seu jugo — foi ali que primeiro se ouviu falar de Navalni. Falando a jornalistas neste domingo, Putin confirmou que havia autorizado trocar opositor por russos presos no Ocidente, sem detalhar. "Ele morreu, é sempre triste. Mas eu disse que ele não devia ter voltado à Rússia [de seu tratamento por envenenamento em Berlim, em 2021], disse o reeleito. Após os atos de 2012, começou então um recrudescimento do controle do governo sobre o sistema político e o acirramento da disputa com o Ocidente. Quando Kiev viu derubado um presidente pró-Rússia em 2014, Putin anexou a Crimeia e fomentou a guerra no leste da Ucrânia. Em 2020, o presidente mudou a regra do jogo na Constituição para poder concorrer a mais dois mandatos, devidamente submetendo a manobra a um plebiscito que aprovou. Tornou-se aliado íntimo da China de Xi Jinping, com apoio econômico, mas sob risco de ser um parceiro ímprobo. E em 2022 invadiu a Ucrânia, principal ato de seu reinado, cujo impacto vai se esparramar por gerações — indevidamente do desfecho do conflito no país vizinho. Em um momento de vantagem tática no campo, apesar de ter visto sua capital ser alvejada sem sucesso por drones neste último dia de eleição e ao menos uma pessoa morrer em bombardeios em Belgorodo (sul), Vladimir Putin irá agora usar a vitória acachapante como item legitimador de seus próximos passos. Quais serão é a incógnita, que inclui ainda as dúvidas acerca de como reaninhar a economia que saiu-se bem sob a pressão de quase 20 mil sanções devido às suas políticas na Ucrânia, mas que sofre para elevar a renda média dos cidadãos russos. A turbulência inédita pela qual passou com motim de mercenários no ano passado deixou marcas, mas parece superada. Por ora, conversas sobre sucessão são evitadas: Putin é visto por agentes políticos e diplomáticos como um czar que ficará no poder além de 2036, limite teórico se for reeleito em 2030.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 10